

Naked Boys Singing!

por Filipe Chagas

Em 1969, Raul Cortez se tornou o primeiro homem nu do teatro brasileiro. No mesmo ano, a primeira montagem brasileira de *Hair* apresentou a nudez de vários atores em palco.* Em 2003, o espetáculo *Naked Boys Singing* ganhou uma montagem brasileira, trazendo dez atores nus para confrontar os tabus da nudez masculina. Sim, nus do início ao fim, mas não é só isso. O musical criado por Robert Schrock em 1998 já apresentava números sobre o corpo e a vida homossexual da época. O espetáculo não só se tornou um ícone gay como também o segundo off-Broadway mais longo da história (está sempre em cartaz em algum lugar do mundo desde sua estreia).

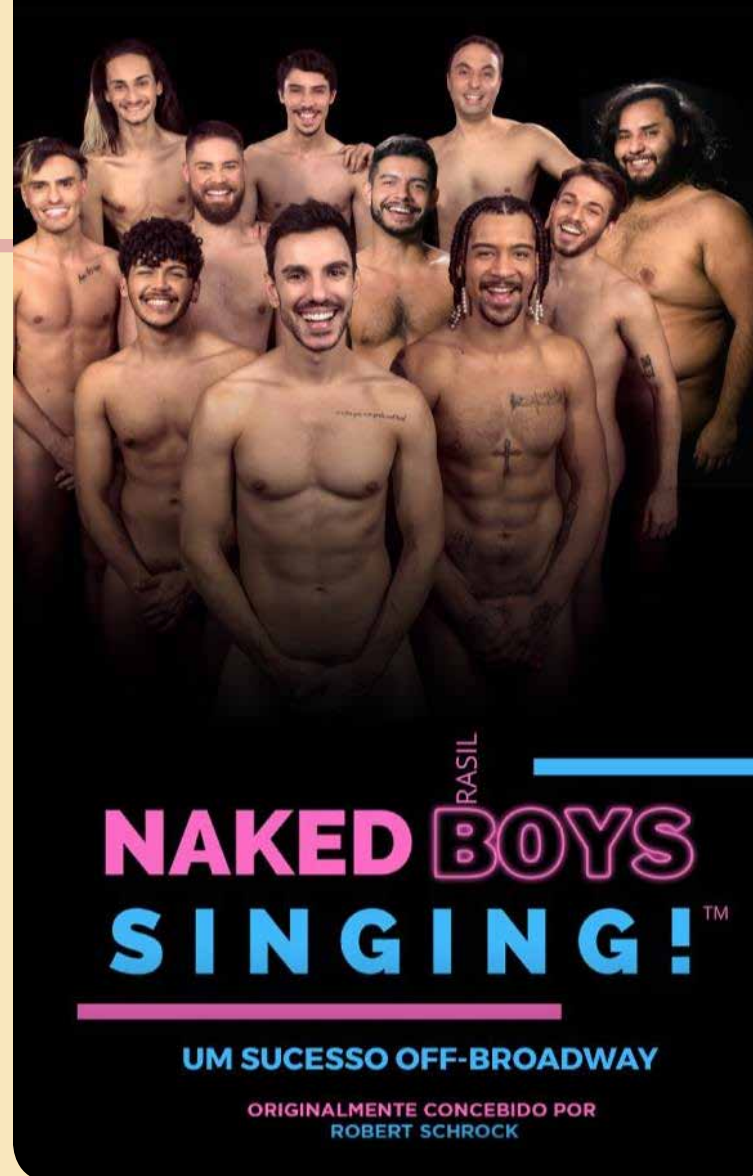
Agora em 2021, a nova montagem de *Naked Boys Singing* traz uma versão mais abraileirada e mais contemporânea. Logo no número de abertura, o elenco canta que “vai dar o que o público quer e pagou pra ver”, ou seja, corpos com pênis despídos de suas roupas, de suas timidez, de seus preconceitos. O choque – e óbvio desejo – inicial em ver homens nus no palco vai se diluindo ao longo dos números: a nudez se torna natural e o foco passa para a composição teatral como um todo, mesmo em números voltados para o pênis em

si, como aquele sobre a circuncisão, onde acabamos refletindo sobre o ritual judaico.

Muito se fala sobre o gênero *vaudeville** do espetáculo, ou seja, uma sequência de números artísticos sem nenhuma relação direta entre eles, mas eu discordo em parte. A nudez do corpo do homem é um fio condutor que se vê também nos poucos figurinos curtos e/ou transparentes, no cenário minimalista e até mesmo na ausência de bastidores (os atores se trocam nas laterais do palco).

Em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*, o diretor Rodrigo Alfer conta que as duas coisas mais importantes na escolha do elenco foram a facilidade em ficar nu e a diversidade de corpos e vozes. Essa é uma diferença bem significativa das duas montagens brasileiras, uma vez que

* Gênero que surgiu na França no século 15, onde artistas apresentavam números musicais, de dança, circenses, mágicas, atletas, grupos ciganos etc. Os espectadores costumavam ser homens, pois os números eram considerados grosseiros. No século 19, na América do Norte, o gênero ganhou contornos de comédia ligeira e foi a principal forma de entretenimento da classe média burguesa tornando-se uma diversão para toda a família. No Brasil, pode ser encontrado como teatro de variedades e teatro de revista.



o “fator estético” era preponderante na seleção dos atores da primeira versão. Aliás, essa parece ser a maior diferença entre todas as versões do musical pelo mundo: agora você realmente verá magro, gordo, peludo, liso, pau grande, pau pequeno, branco, negro e por aí vai. No Rio de Janeiro, o elenco contou com André Lau, Aquiles, João Hespanholetto, Lucas Cordeiro, Rodrigo Naice, Rodrigo Serphan, Ruan Rairo, Silvano Vieira, Tiago Prates e Victor Barreto, além do pianista multitarefa Gabriel Fabri, que se desdobram nos

quinze números e mais um bis com jockstrap para que os ansiosos possam filmar.

Fazer graça sem fazer bullying é um ponto chave do espetáculo, como nos números do vestuário e da academia. Destaco o número sobre a masturbação (“Bater bolo” junto com um “momento orgástico barbatuque” foi genial) e o coral de vocábulos penianos como os mais divertidos em suas totalidades. Contudo, nem só de humor se sustenta o musical. Falar sobre body positivity através das estátuas nem sempre perfeitas, sobre amor, solidão ou a dor de perder alguém para a AIDS tornam o espetáculo mais completo e mais denso aos olhos dos que ainda possam ter alguma dúvida sobre o objetivo da peça.

“Por que você tem que subir? Se alguém notar, sei que vai ser o meu fim. Eu não consigo evitar, faz parte de mim! Fique aí!” Pois é... a ereção involuntária é tema de um dos números e, claro, uma das perguntas mais feitas ao elenco. Mas eles garantem: a concentração é tão grande que não tem como uma ereção acontecer. O pênis é somente tema e acessório teatral.

Num momento (pós)pandemia de um país que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIA+ e cada dia que passa destrói e censura a própria cultura, esse espetáculo tem uma força política maior do que ser um mero entretenimento com homens pelados e pintos balançando. A diversidade, a representatividade e a liberdade vistas em palco são um potencial para que os espectadores ditos não-conservadores também reflitam sobre suas posturas no cotidiano que segregam, cancelam, julgam e colocam pressões sobre si mesmos.

Vejam pela curiosidade, mas também ouçam e se atentem ao que vai além da imagem. **8=D**

